



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ  
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - DPPG

RENATA DO COUTO CORRÊA NETTO  
ELAYNE SILVA MORAIS

**CULTURA E LINGUAGEM NO COTIDIANO ESCOLAR:  
UMA ANÁLISE DAS RODAS DE CONVERSA EM UMA  
SALA DE AULA DE ESCOLA PÚBLICA EM  
MESQUITA.**

Orientador: Anelise Monteiro do Nascimento

MESQUITA  
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ  
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – DPPG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “DESAFIOS DO TRABALHO  
COTIDIANO: A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 10 ANOS”

**CULTURA E LINGUAGEM NO COTIDIANO ESCOLAR:  
UMA ANÁLISE DAS RODAS DE CONVERSA EM UMA  
SALA DE AULA DE ESCOLA PÚBLICA EM MESQUITA**

RENATA DO COUTO CORRÊA NETTO  
ELAYNE SILVA MORAIS

Trabalho Final de Curso proposto pelas alunas Renata do Couto Corrêa Netto e Elayne Silva Moraes, sob a orientação da professora Anelise Monteiro do Nascimento, como requisito parcial para obtenção de aprovação no Curso de Pós-graduação Lato Sensu, Desafios do Trabalho Cotidiano: A educação de crianças de 0 a 10 anos de idade.

MESQUITA  
2009

RENATA DO COUTO CORRÊA NETTO  
ELAYNE SILVA MORAIS

**CULTURA E LINGUAGEM NO COTIDIANO ESCOLAR:  
UMA ANÁLISE DAS RODAS DE CONVERSA EM UMA  
SALA DE AULA DE ESCOLA PÚBLICA EM MESQUITA**

Banca Examinadora

.....  
Prof.<sup>a</sup> Anelise Monteiro do Nascimento

.....  
Prof.<sup>a</sup> Silvia Néli Falcão Barbosa

.....  
Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Marques Santos

## **Dedicatória**

(Renata)

Dedico essa pesquisa aos meus alunos, que são os maiores incentivadores para que continue estudando.

(Elayne)

A Deus, meu filho e minha amiga Renata.

## AGRADECIMENTOS

Renata

Agradeço primeiramente a Jesus que me dirigiu até aqui, me dando forças para vencer o sono, cansaço e o desânimo. A meus pais Paulo e Suely que sempre colocaram o estudo em primeiro lugar em minha vida, dando-me todas as oportunidades que podiam oferecer. A professora Anelise, pelos ótimos textos que subsidiaram a pesquisa e pela paciência em nos orientar. Aos meus amigos queridos Isabele e Rômulo, por todo apoio, carinho, preocupação e dedicação que tem comigo. Ao meu marido Rodrigo, que aguenta todo o meu mau humor e que é um grande incentivador para que eu prossiga com meus estudos. A minha amiga Amanda, pela torcida e vibração com minhas conquistas. As minhas amigas do trabalho, principalmente Monique, que é minha parceira de todas as horas e tem uma sintonia pedagógica comigo inacreditável. E principalmente aos meus alunos, em especial, a turma 101/2008 e 204/2009 de Mesquita. Eu não poderia ter sido mais abençoada por ter o privilégio de ensinar para crianças tão inteligentes por dois anos consecutivos. Sem dúvidas vocês: Elizabeth, Estefany, Emersson, Fabio, Felipe, Gabriela, Guilhermes (o Torres e o Kevin), Ilana, João, Luan, Luis Gustavo, Lorryne, Lucas, Nháthany, Pedro, Rafael, Rafaela, Tatiane, Thainá, Thaynara, Vitor e Wallace, foram os maiores colaboradores para que esse trabalho se desenvolvesse, e são a motivação para que eu continue firme no magistério, com vontade de estudar e me aprimorar sempre.

Elayne

Agradeço a Deus, ao meu filho e a minha amiga Renata.

## TRAJETÓRIA EM EDUCAÇÃO

Renata do Couto Corrêa Netto – Professora das séries iniciais

Sempre desejei fazer o curso de formação de professores, mas na época do Ensino médio, minha mãe achava um absurdo. Queria que eu fosse advogada, psicóloga, enfim, havia um certo preconceito dela quanto a carreira docente. Vejo hoje em dia que isso se dava muito mais por influência da sociedade que coloca o professor como um mártir salvador e minha mãe definitivamente não queria isso e acho que no fundo até hoje ela não se conforma muito.

Enfim, fiz meu primeiro vestibular em 1999/2000 e passei para o curso de Psicologia na UFRJ, mas o curso era integral, eu era muito jovem (17 anos) e a idéia de ser professora ainda martelava minha cabeça. Arrastei-me no curso até o terceiro período. Como eu não me via trabalhando como psicóloga, saí da faculdade para desespero de minha mãe.

Comecei a trabalhar numa escola privada, que era creche também. No início ficava na secretaria, mas logo assumi uma turma de Educação infantil. A turma possuía 18 alunos de idades variadas, entre três e cinco anos. Era um pouco desesperador. Até eu conseguir me adequar a realidades diversas sofri um bocado. Senti que precisava estudar mais, pois não tinha argumentos quando reclamava com a diretora sobre a quantidade de alunos, a mistura de idades, entre outros erro que via acontecendo na escola. Fiz vestibular novamente, só que para o curso de Pedagogia na UERJ. Passei e me formei em 2007.

Enquanto eu cursava Pedagogia fiz alguns concursos, passei para os Correios e trabalhei por 2 anos, de 2004 a 2006. Não tinha nada a ver com educação, mas sabia que era uma questão de tempo até que eu fizesse um concurso para o magistério e fosse chamada. Continuei fazendo Pedagogia, mas tive que mudar para o turno da noite.

Em 2006 fiz concurso para a prefeitura de Mesquita e para prefeitura de Duque de Caxias. Passei nos dois concursos, mas Mesquita convocou naquele mesmo ano. No dia 10 de Abril iniciei minha trajetória na escola pública. Minha turminha: 20 alunos entre 6 e 7 anos. Era uma turma de Primeira etapa e a maioria não havia freqüentado a escola anteriormente. Minha experiência no ensino privado não me ajudou muito, pois antes não precisava pensar para dar aula, vinha tudo mastigadinho nos livros e não havia autonomia. Agora eu me via inteiramente responsável pela alfabetização dos alunos e o pior era que quase não tinha a quem pedir auxílio.

No início recorri ao que me lembrava de minha própria alfabetização. Fui alfabetizada pelo método fônico, que utilizava a história Casinha Feliz. Não encontrei nada sobre a tal Casinha, mas encontrei muito material sobre o método da abelhinha e comecei assim. Cada semana eu ia contando um pedacinho da história, lançando uma letra nova. É claro que eu fiz um samba de métodos, porque também recorri a exercícios de silabação, tomava leitura, enfim o trabalho estava fluindo, mas eu nunca me senti satisfeita, pois lia nos meus textos acadêmicos que tais métodos não formavam leitores e sim meros decodificadores da língua e que certamente não formariam novos amantes da leitura. Sempre ouvia falar que devemos valorizar a cultura do educando, mas não sabia como.

Mas o fato é que eu nunca havia visto ou ouvido alguma experiência que me convencesse a fazer de outra maneira. Eu já havia feito cursos de alfabetização e quando eu perguntava aos professores: “*mas como é que se aplicam tais teorias?*” A resposta era sempre: “*a prática você vai construir*”. Até hoje quando alguém fala isso me dá arrepios! Como alguém ensina algo que nunca praticou e que não tem exemplos para dar? É a mesma coisa pedir a alguém que nunca esteve no mar para ensinar a surfar. Será que dá? Basta saber os fundamentos do surf? Claro que não!

Em Junho de 2006 comecei um novo curso de alfabetização promovido pela prefeitura com as professoras do CAP da UERJ. Foi uma luz no fim do túnel. Líamos os mesmos autores da faculdade (Paulo Freire, Magda Soares, Telma Weiz, Emilia Ferrero, dentre outros), mas a grande diferença era que as professoras do curso: Olga, Estela e Glorinha são regentes de turma e conseguem aplicar toda teoria estudada. É claro que a realidade dos alunos do CAP é diferente, mas a pobreza não é sinônimo de alfabetizar com BA BE BI BO BU. Se os alunos do CAP, que tem todo um ambiente letrado em casa tinham acesso a uma alfabetização que favorece a prática do letramento, eu mais do que nunca, que possuo alunos que vivem em ambientes tão pobres de leitura tenho obrigação em despertar o interesse pela mesma. Além do mais a alfabetização está inteiramente ligada a cultura, pois o professor que opta em alfabetizar e letrar ao mesmo tempo possui obrigação de ouvir, respeitar e valorizar a cultura de seu aluno, para isso sabendo ouvir para que seja ouvido.

Então coisas simples começaram a mudar em minha rotina: passei a ler todos os dias para a turma, os textos de cartilha foram trocados por pequenas quadrinhas, parlendas e músicas que os alunos já sabiam de cor, enfim, meus alunos passaram a ter contato com a leitura e escrita de formas diferentes. Os textos passaram a ser reais e não

inventados. A roda de conversa, que já acontecia antes, ganhou novo sentido. O que antes era feito por instinto, ganhou sentido, já que a partir da linguagem aprendi que as trocas de experiências culturais são imensas e descobrimos muitas coisas de nossos alunos, além de promovermos aprendizagem, já que a interação gera internalização de conhecimentos. Comecei a ter uma pontinha de orgulho do meu trabalho, mas sabia que ainda tinha e tenho muito para aprender.

Em 2007 fui convocada pela prefeitura de Duque de Caxias e desde então tenho dupla jornada de trabalho, ficando mais difícil conciliar com o estudo, mas sempre procurei fazer cursos e me aperfeiçoar.

Em 2007 fiz o curso pró-letramento de Matemática em Mesquita, em 2008 fiz o curso pró letramento de linguagem, que na verdade repete um pouco o que aprendi em 2006, mas só o fato de poder estar reunida com colegas que buscam uma formação e estão dispostos a dividir sua experiência é um privilégio. Também em 2008 comecei a pós-graduação em “Desafios do cotidiano no trabalho com crianças de 0 a 10 anos” na UFRRJ. Acho que esse nome tem a cara da nossa profissão, que lida com as mais variadas adversidades. Confesso que a pós me frustrou um pouco, pois foi mais voltada para Educação Infantil, além disso é difícil conciliar os trabalhos acadêmicos com o planejamento das aulas. Se faço bons trabalhos não planejo minhas aulas, se planejo as aulas os trabalhos da pós ficam ruins.

Pensei várias vezes em desistir, mas gosto de estudar, ser pesquisadora de minha prática e quero ser valorizada em minha profissão. Não quero ser vista como a professorinha de primeiro segmento. Acho que os títulos acadêmicos ajudam a quebrar esse estigma e fazem as pessoas nos respeitar mais. Somos desvalorizadas nem tanto pela situação econômica, mas pelo fato de durante anos termos uma formação pobre e sem preocupação com a continuidade dos estudos.

Inicialmente ia escrever a monografia da pós sozinha, pois não abro mão de escrever sobre cultura, linguagem que é um tema que eu gosto e exploro diariamente em minha sala de aula, acredito também que fazer uma pesquisa baseada na prática docente é bastante estimulante para o professor que atua nas séries iniciais, pois será a oportunidade de alguém ouvir o que temos a dizer, não restringindo-se aos muros da escola e rodinhas de conselho de classe. A Elayne pensou em fazer a monografia comigo, pois acreditamos que nossas visões se completam. A princípio ela havia pensado em outro tema, pois é Orientadora Educacional e queria falar sobre família,



mas acabou mudando de idéia e juntando-se a mim. Somos um pouco diferentes em nossa maneira de pensar, mas acho que as diferenças somarão ao fim do trabalho.

Enfim, os desafios do cotidiano são muitos, mas acredito que o maior desafio de todos é conosco mesmo. Não podemos nos abater diante das dificuldades, restando duas opções: acomodar-nos com os mesmos problemas, ficar reclamando e virar uma professora ranzinza ou estudar para brigar pelos direitos de alunos e professores com argumentos sólidos. Fico com a segunda opção, sem perder jamais a esperança de alcançar no país uma educação de excelência.

Elayne Silva Morais \_ Professora Orientadora Educacional

A trajetória em Educação iniciou quando ingressei no Curso de Formação de Professores do Colégio Cardeal Leme em 1982. Logo que terminei o curso passei a fazer parte do grupo de professores auxiliares do Colégio do qual adquiri experiência por um ano em uma turma de pré-escolar. Estudei na Faculdade Integrada Simonsen no Curso de Pedagogia em 1987, com habilitação em Orientação Educacional. Prestei concurso para o magistério do Município de Nova Iguaçu em 1991 e passei a lecionar em uma turma de primeira série da E.M. Rotary que atualmente se encontra como E.M. Rotariano Arthur Silva no Município de Mesquita onde me encontro lotada.

Durante essa trajetória exerci diversas funções, lecionei em turmas das séries iniciais, fui Dirigente de Turno, Orientadora Pedagógica e atualmente Orientadora Educacional. A oportunidade de estar numa Universidade Pública veio quando fiz a inscrição e fui selecionada para o Curso de Pós-Graduação na Educação Infantil. Busquei com isso, ampliar meus conhecimentos, pois muito me incomodava estar inserida numa sociedade em que transformações e desafios acontecem constantemente.

A idéia de desenvolver como tema da monografia “Cultura na Infância nas Unidades Escolares do Município de Mesquita” irá contribuir e articulará o que Mesquita oferece em relação aos patrimônios e elementos culturais em torno dos alunos da rede.

A problemática de como é abordada a cultura nas séries iniciais do ensino fundamental do Município, muito me animou e a partir daí o pontapé inicial foi dado.

Renata se encontra atuando em sala de aula com turma de série inicial, e eu, como extraclasse em séries iniciais e finais, vamos procurar unir nossas visões para que nosso projeto atinja com significado a vida dos nossos alunos.

Levar uma reflexão sobre a prática em sala de aula, ampliando as possibilidades de ampliação da cultura do educando, é o nosso objetivo. Arregaçamos as mangas e partimos para as bibliografias que mais eram pertinentes ao nosso projeto.

Considerando o preceito freireano:

*“Solidariedade que há entre a linguagem-pensamento e a realidade, cuja transformação, ao exigir novas formas de compreensão, coloca também a necessidade de novas formas de expressão (FREIRE, 1982, p. 24).”*

## RESUMO

Este estudo toma como referência a ação dialógica do professor contemporâneo de escola pública na construção da identidade dos sujeitos. A inquietação básica é a articulação do aluno-professor mostrada nos momentos de conversa diária de uma sala de aula em Mesquita, priorizando o diálogo como elemento primordial ao desenvolvimento das práticas pedagógicas e construção de identidade que se efetivam em sala de aula, possibilitando por meio da ação dialógica a formação de sujeitos reflexivos. Através de tais diálogos podem ser observadas diversas questões, tais como: a linguagem como manifestação cultural e como mediadora para novas aprendizagens, a relação de poder aluno-professor e a influência da mídia nas escolhas dos alunos.

Partindo do pressuposto que ensinar não é transferir conhecimentos e conteúdos para meramente formar o cidadão, mas sim uma ação à qual o sujeito dá forma e estilo, não se reproduzindo à condição de objeto um do outro – quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. A pesquisa aqui apresentada trata de uma experiência construída a partir das diversas leituras de vários sujeitos, tornando-se portanto um acontecimento plural, motivador, concebido a partir de semelhanças e diferenças percebidas através dos diálogos. Esta pesquisa teve, portanto, como objetivo levantar questões referentes a ação dialógica que se dá entre professores e alunos de escolas públicas.

A pesquisa buscou mostrar como o diálogo na sala de aula mostra o que dizem os educandos, em rodas de conversa espontâneas ou não, abrindo assim caminhos para mudanças no planejamento e quem sabe no currículo, afinal, quando conhecermos verdadeiramente o aluno com o qual lidamos, de fato estaremos promovendo uma educação de fato libertadora e política, não se restringindo ao mero cumprimento do currículo.

Palavras-chave: Educação, ação dialógica, cultura.

## SÚMARIO

	Páginas
INTRODUÇÃO.....	13
1- O QUE É CULTURA?	17
2- CONHECENDO MESQUITA E OS ALUNOS. ....	12
3- CULTURA E LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DAS RODAS DE CONVERSA DE UMA SALA DE AULA MESQUITENSE.....	25
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
6- ANEXOS.....	37

## INTRODUÇÃO

### JUSTIFICATIVA:

Durante muito tempo as pesquisas em educação tinham enfoque nas metodologias de ensino, voltadas para o professor e a maneira como ensina, deixando os alunos em segundo plano, como se não fossem parte do cotidiano escolar. Hoje percebemos que se não conhecermos o sujeito com o qual estamos lidando e estes não tiverem participação em pesquisas acadêmicas, estaremos falando em uma educação utópica, na qual os protagonistas não tem voz.

A primeira atitude para tornar os alunos pesquisadores de seu próprio cotidiano, é dar a eles vez e voz nas salas de aula. O diálogo entre professores e alunos é o primeiro passo para exercício da democracia, da cidadania e da pesquisa. Desde o século XIX, há uma tendência a separar o mundo da criança do mundo dos adultos, a educação da criança, que antes se dava através do convívio social, fora substituída pela aprendizagem escolar. É claro que num primeiro momento, essa separação adulto/criança foi positiva, mas ao longo dos anos houve um processo de enclausuramento das crianças, segundo Ribes. Descoberta pelo mercado do consumo, a criança vira consumidora e objeto de consumo, perambulando pelo mundo adulto, dialogando na maioria das vezes não com estes, mas sim com objetos tecnológicos, tais como televisão, computadores, celulares, etc.

A criança é capaz de constituir diálogo sem a presença de um interlocutor adulto, porém, essa ausência da figura adulta em sua vida faz com que ela seja condenada a um monólogo cujo desdobramento é a formação do “gueto da infância”. O maior desafio é a reconstituição desse diálogo.

*Criança pequena com agenda lotada. A televisão que se transforma em babá. Os pais ausentes. Carinho transformado em objeto. Individualismo causado pela ausência do outro. Apagamento das relações de alteridade. Criança sozinha. Criança que manda nos pais. Esses são apenas alguns dos fragmentos que compõe o contexto da infância contemporânea, dentre os quais destacamos a ruptura do contato e do diálogo entre adultos e crianças como uma questão que precisa ser analisada com mais profundidade. (Ribes , p.37 2º parágrafo)*

O distanciamento com o adulto faz com que crianças tenham nova relação com o mundo da cultura, *mediado por identificações de ordem virtual* (Ribes).

Essa pesquisa tenta fazer uma parte desse resgate do diálogo adulto / criança, tão escasso no mundo globalizado. A prática foi o local de questionamento e objeto de questionamento.

## METODOLOGIA

Nossa pesquisa é de caráter qualitativo, com olhar da perspectiva sócio histórica, procurando analisar a realidade de forma holística, levando-se em conta sua totalidade, rejeitando também a idéia de neutralidade do pesquisador, pois o professor pesquisador não pode estar separado de seu objeto de pesquisa, que nesse caso consistem nos alunos e suas falas.

Existe um grande esforço para consolidar a criança como cidadão, sujeito criativo, produtora de cultura e história, logo ao escolhermos trabalhar com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social, logo a idéia é que as crianças sejam co-autoras desse trabalho, conduzindo as discussões através de suas falas.

Foram gravados os momentos iniciais das aulas de uma turma de primeiro ano do ciclo numa escola do município de Mesquita. Através dos diálogos e das questões que foram surgindo, as falas foram relacionadas com diversos autores, abordando questões como: relações de poder, afetividade, papel da mídia e importância da ação dialógica em sala de aula. As gravações foram feitas com autorização dos responsáveis que ao matricular os alunos na primeira reunião de pais assinam um termo autorizando o uso das vozes e imagens para fins de pesquisa. Optamos em utilizar o nome verdadeiro dos alunos, afinal chamá-las por números ou iniciais, as “coisifica” e nega sua condição de sujeito, porém, para preservar sua identidade não citamos o nome da escola, apenas dizemos que a escola é pública e situa-se no município de Mesquita.

Os assuntos das conversas às vezes foram espontâneos e outras vezes foram introduzidos pela professora. As rodas de conversa sempre terminam com a leitura de um livro. Essas atividades são diárias e não aconteceram para realização da pesquisa, foi a roda que incentivou a pesquisa, e não o contrário. Optamos pela parceria na pesquisa por acreditar que um trabalho individualizado dificulta a crítica, pois a ausência do outro impede o confronto e recriação de idéias. Coletivamente garantimos a pluralidade de idéias, fortalecendo os sujeitos num coletivo para transformar a realidade.

Não houve uma preocupação com dados estatísticos e fatos passíveis de serem medidos e sim a ênfase na interpretação do que trazem as falas das crianças, seus valores, ideologias e crenças. Não partimos de hipóteses delineadas, ao contrário, estas foram surgindo a medida que os alunos falavam. Focalizamos uma realidade específica (turma de 1º ano), para que através de seu intermédio possamos compreender um

contexto social, adotando uma perspectiva de totalidade que leva em conta todos os componentes da situação em suas interações e influência recíprocas. Não investigamos em razão de resultados, mas sim compreender comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.

Como as falas foram gravadas na sala de aula de uma das autoras da pesquisa, podemos dizer que os pesquisadores estavam próximos do campo (escola e dos sujeitos das pesquisas (alunos e suas falas), procurando descrever os eventos investigados integrando-os com a realidade e dialogando com os autores.

*A contextualização do pesquisador é também relevante: ele não é um ser humano genérico, mas um ser social, faz parte da investigação e leva para ela tudo aquilo que o constitui como um ser concreto em diálogo com mundo em que vive. Suas análises interpretativas são feitas a partir do lugar sócio – histórico no qual se situa e dependem das relações intersubjetivas, que estabelece com os seus sujeitos. É nesse sentido que se pode dizer que o pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa, porque se insere nela e a análise que faz depende de sua situação pessoal-social. (Freitas p.29)*

Ouvir experiências, falar sobre elas e interpreta-las com ajuda das crianças, é uma forma de ressignificar as hierarquias institucionalizadas dos papéis sociais estabelecidos culturalmente. Além disso é tomar consciência das lentas transformações que ocorrem nos adultos e nas crianças como uma decorrência direta dos usos que fazemos da linguagem. É nessa pesquisa de inserção cotidiana que surgem questões que alimentam o saber mais, ou seja, foram as falas que estimularam as questões que foram abordadas, e não as questões prontas que induziram as falas das crianças.

Nossa pesquisa sobre a cultura no município de Mesquita tem enfoque na sala de aula e no que os alunos trazem para as rodas de conversa diárias, pois a linguagem é sem dúvida a maior expressão cultural da humanidade.

*A educação escolarizada é um agente que põe sujeitos em contato com a cultura virtualmente disponível, talvez a peculiaridade da educação escolar mais singularizada seja a de procurar experiências não diretamente acessíveis ao sujeito por outras vias de socialização ou redes sociais e pela intencionalidade dada a essa aprendizagens. A escola deve centrar-se naquilo “a que não se dediquem” ou possam dedicar a turma de amigos, as igrejas, os meios de comunicação, etc...A peculiaridade do ambiente escolar está em que nele , precisamente, pode-se aprender o que não e aprende na vida ou pode-se aprender acerca do que se aprende nesta, embora de outra maneira, o que não é a mesma coisa.. A instituição escolar deve ampliar a experiência para fora do raio de ação que limita as condições e os meios de que o sujeito dispõe... (Sacristán, p.209)*



## I – CULTURA E INFÂNCIA.

*“Não há saber mais e saber menos: há saberes diferentes” Paulo Freire*

O que entendemos pela palavra cultura? Talvez seja inútil esclarecermos inicialmente, já que seus sentidos têm variado ao longo dos tempos, particularmente no período de transição de formações sociais tradicionais para a modernidade. (Boocock, 1995; Canen e Moreira, 2001).

O primeiro e mais antigo significado de cultura encontra-se na literatura do século XV, em que a palavra refere-se ao cultivo da terra, de plantações e de criação de animais. Já no início do século XVI aparece um novo significado, ampliando a idéia de cultivo de animais e plantas para o cultivo da mente humana. Passa-se a falar que somente alguns indivíduos pertencentes a determinadas classes sociais apresentam mentes e maneiras cultivadas. No século XVIII, consolida-se o caráter classista da idéia de cultura, considerando-se que somente as classes privilegiadas teriam cultura.

O sentido de cultura que ainda hoje a associa às artes, têm suas origens nessa segunda concepção: cultura tal como a elite as concebe, correspondente ao apreciar determinadas músicas, literatura, cinema, teatro, pintura, escultura e filosofia.

No século XX, a noção de cultura passa a incluir a cultura popular, que hoje é disseminada pelos meios de comunicação de massa, tais como a televisão e internet. Diferenças e tensões entre os significados de cultura popular e de cultura elevada acentuam-se, levando ao uso do termo cultura ser marcado por avaliações, aprovações e reprovações. Será que as escolas Mesquitenses fecham as portas para manifestações culturais associados à cultura popular, contribuindo assim para que valores e saberes familiares dos nossos alunos sejam desvalorizados e conseqüentemente não aproveitados no cotidiano da sala de aula? Como os docentes lidam com a diversidade? Será que as rodas de conversa são espaço para enriquecimento cultural?

Diversos sentidos da palavra variam de acordo com a aplicação em determinado ramo do conhecimento humano.

Um outro sentido a palavra cultura está associado a idéias iluministas, associando-a a um processo secular geral de desenvolvimento social. Esse significado é comum nas ciências sociais, sugerindo a crença em um processo harmônico de desenvolvimento da humanidade, constituindo etapas pelas quais todas as sociedades

passam. Tal conceito leva mais uma vez a crença na supremacia da sociedade européia, considerada a única a ter atingido o mais alto grau de desenvolvimento.

Na Antropologia, cultura pode ser entendida como um conjunto de aspectos da vida social dos indivíduos, estando relacionada a arte, saber, costumes, crenças e tradições. O olhar para as culturas de diversos povos é dotado de um relativismo cultural, isto é, sem julgar se existem culturas superiores ou inferiores, cada cultura é singular e relativa. Cultura identifica-se assim como a forma geral de vida de um dado grupo social, com as representações da realidade e as visões de mundo adotadas por um grupo.

Já a Filosofia afirma que a cultura humaniza o homem, que só pode ser tido como tal pelo fato de viver no seio de um grupo cultural. Nesse contexto entende-se cultura como um conjunto de respostas para satisfazer as necessidades e desejos humanos, traduzindo-se em um conjunto de conhecimentos que são transmitidos aos descendentes, ao modo como os grupos humanos resolvem seus conflitos. Em suma, cultura é criação, o homem recebe cultura e ao mesmo tempo transforma-a e cria novos elementos culturais.

Durante alguns séculos o Determinismo Biológico, que é a crença na genética como determinadora de algumas características culturais dos indivíduos, atribuía capacidades inatas as raças humanas, gerando mitos sobre determinados grupos sociais. Quem nunca ouviu dizer que os Judeus eram avarentos, que os Portugueses são pouco inteligentes e comilões e que os índios eram ingênuos e preguiçosos? Enfim, muito preconceito foi alimentado por essa crença. Mas está comprovado que uma criança inserida num determinado grupo social, crescerá com os costumes daquele grupo em que vive, tendo como influência genética apenas suas características externas. Segundo Laraia, *o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo denominado endoculturação*. Ou seja, um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada.

É fato que a cultura desenvolveu-se juntamente com a evolução biológica e deve ser compreendida como uma característica humana, assim como o fato de sermos bípedes e termos cérebro volumoso. Porém não é a Biologia que determina a cultura de um ser, estas caminham lado a lado ao longo da evolução humana.

O Determinismo Geográfico considera que as condições do ambiente físico é que condicionarão a diversidade cultural, porém, assim como no determinismo

Biológico, há uma limitação em sua influência, visto que existem variações culturais dentro do mesmo habitat.

Tylor, diz Laraia, definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética. Além disso, Tylor procurou demonstrar que a cultura pode ser objeto de estudo sistemático, pois se trata de um fenômeno que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural.

A principal característica da cultura é o chamado mecanismo adaptativo: a capacidade de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais rápida do que uma possível evolução biológica. A sobrevivência do homem ao longo das diversas mudanças climáticas do planeta é a sua capacidade criadora e conseqüentemente adaptativa a diversas situações. Nenhum homem espera que nasçam pelos para se proteger do frio, simplesmente procuraram cobrir-se com casacos. As transformações biológicas são lentas, enquanto que as mudanças culturais são instantâneas.

Além disso a cultura é também um mecanismo cumulativo. As modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, de modo que a cultura transforma-se perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência, reduzindo o esforço das novas gerações.

Como mecanismo adaptativo e cumulativo, a cultura sofre mudanças. Traços se perdem, outros se adicionam nas diferentes sociedades. *Nenhuma produção humana acontece de maneira isolada, mas deriva de uma base comum a todos os homens que é sua realidade socia (Laraia p.28)l.*

O ser humano comum, imerso em sua própria cultura, tende a encarar seus padrões culturais como os mais racionais e mais ajustados a uma boa vida. Quando muito, percebe algo que é inadequado e que “poderia ser de outra forma.” Somos etnocêntricos por natureza, embora haja um discurso politicamente correto no qual afirmamos compreender perfeitamente a cultura do próximo. Mas quem em nossa sociedade cristã monogâmica, não se choca com incestos, canibalismo e outras práticas tão comuns em determinados povos ou tribos? O fato é que nós ficamos impressionados, e até o fato de nos impressionarmos é cultural.

Na sociedade capitalista a produção cultural está ligada ao conceito de cultura. Quando afirma-se: “aquele sujeito não tem cultura!”, certamente se quer afirmar que um determinado indivíduo não tem acesso a bens materiais fetichizados pela sociedade tais como: livros, quadros, tampouco teve acesso a escola formal. É a cultura erudita,

produzida por uma minoria intelectual, geralmente saída das classes dominantes. A cultura erudita está subordinada ao capital pelo fato deste ser um viabilizador para que aconteça.

Logo a cultura torna-se produto, algo mensurável. *Ao se instrumentalizar, a cultura passa a aparecer como indispensável a todos os indivíduos do grupo social, passa a aparecer como necessária (Perroti p.16).*

Quando deparamo-nos com novas idéias, procuramos aplica-las como solucionadora de problemas, que por sua vez geram novas questões e nos livra do senso comum. Sabemos que não temos solução para todas as respostas, mas teoria dão segurança aos homens. Tal padrão humano, porém não se repete ao conceituarmos cultura.

A Antropologia tem reconstruído o conceito de cultura, que é preocupação antiga dos grupos humanos. O homem sempre se interessou em estudar seus próprios comportamento e costumes. Ao fazer uma descrição etnográfica, um antropólogo deve levar em conta que está interpretando uma determinada cultura, segundo os significados que esta externaliza e que ele pode perceber, demonstrando a incompletude de uma análise cultural.

A Antropologia vem e preocupando em enfocar o conceito de cultura, gerando confusões e contradições. Dentre vários conceitos de cultura, Clifford Geertz, cita Clyde Kluckhohn, que em algumas páginas definiu cultura como: (1) O modo de vida global de um povo;(2) O legado social que o indivíduo adquire; (3) Uma forma de pensar, sentir e acreditar; (4) Uma abstração de comportamento; (5) Uma teoria elaborada pelo antropólogo sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; (6) Um celeiro de aprendizagem em comum; (7) Um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; (8) Comportamento aprendido; (9) Um mecanismo de regulamentação normativa do comportamento; (10) Um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação a outros homens; (11) Um precipitado da história..

O conceito de cultura tem sido um motivo de discordância entre teóricos das mais variadas vertentes, mas para Greez o importante é “o que está sendo transmitido com sua ocorrência através de sua agência.” (p.8). A cultura portanto é pública, pois toda ação humana é dotada de significados externos. Os behavioristas falam em comportamento inato, mas podemos perceber que a maioria de nossas ações foram aprendidas e seus significados refletem a cultura que temos.

Finalmente, um significado de grande impacto nas ciências sociais e nas humanidades em geral, ressalta a dimensão simbólica do que a cultura faz ao invés de ressaltar o que a cultura é. Concebe-se assim cultura como prática social e não como coisa (artes) ou estado de ser (civilização). Nesse enfoque, *coisas e eventos do mundo natural existem, mas não apresentam sentidos intrínsecos*: os significados são atribuídos a partir da linguagem. Quando um grupo compartilha a cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas da utilização da linguagem. A palavra cultura implica portanto o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo. São os arranjos e as relações envolvidas em um evento que passam a despertar atenção de estudiosos dessa perspectiva de cultura, que passa a ser resumida na idéia de que cultura é um *conjunto de práticas significantes*.

Elaborar um currículo que contemple a diversidade e dê brechas para criação é uma tarefa desafiadora, demandando numa nova postura por parte da comunidade escolar, dando abertura às distintas manifestações culturais. A escola é um espaço de cruzamento de culturas, logo possui responsabilidade específica, distinta de outros espaços de socialização, já que podemos promover análises e interações das influências plurais que as diferentes culturas exercem. A conversa diária, não é prevista claramente no currículo, mas é dela que vão demandar diversas questões que poderão futuramente alterá-lo.

Durante muito tempo acreditou-se que o papel da escola assim como Sacristán afirma era de proporcionar aos alunos o que a sociedade não proporciona. É claro que de certa forma é interessante aos alunos ter acesso a uma cultura totalmente fora de sua realidade, ampliando seus conhecimentos, mas devemos ter muito cuidado, pois tal pensamento está distante por um linha muito tênue da discriminação, acreditar que a cultura do educando é inferior a do educador e a cultura que a escola oferece. Cabe aos professores e demais participantes do processo educacional agir com sabedoria e sensibilidade favorecendo a troca e não a unilateralidade de informações.

## II- O CONTEXTO SOCIAL DE MESQUITA: UMA CIDADE CRIANÇA.

*" A escola precisa ser reencantada, encontrar motivos para que o aluno vá para os bancos escolares com satisfação, alegria. Existem escolas esperançosas, com gente animada, mas existe um mal-estar geral na maioria delas." Moacir gadotti*

O Município de mesquita, localizado na Baixada Fluminense, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, conseguiu sua autonomia política em 1999, fruto de um processo iniciado em meados dos anos 50 do século XX, que envolveu agentes oriundos de grupos sociais diferenciados. Dessa forma, tensões, disputas de poder, aproximações e silêncios se fizeram presentes, afirmando um quadro de memórias e identidades diversificadas que se refletem no momento de construção do novo espaço mesquitense

Há 500 anos, a cidade de Mesquita era habitada por “jacutingas”, apelido dado aos índios pelos colonizadores. Acredita-se que o nome possivelmente surgiu porque se enfeitavam com penas de jacu branco ( um tipo de ave parecida com a galinha e muito comum na região naquela época).

A decadência dos jacutingas começou quando passaram a participar, junto com outras nações indígenas, de um movimento chamado Confederação de Tamoios. O motivo deste movimento foi a revolta dos índios diante da ação violenta dos portugueses, provocando mortes e escravidão.

Na língua dos Tupinambás “Tamuya” quer dizer “o avô, o mais velho, o mais antigo” por isso essa Confederação de chefes chamou-se Confederação dos Tamuya, que os portugueses transformaram em Confederação dos Tamoios.

A guerra entre os índios e portugueses, seguida de doenças, contraídas pelo contato com o branco, dizimou centenas de índios, que lutaram para resistir à escravidão. O bairro de Jacutinga é o único em toda Baixada Fluminense que ainda preserva a memória dos valores indígenas.

Fazendo uma viagem de volta ao tempo descobriremos que nossas terras já foram verdes, laranjas: verde dos canaviais, depois a cor que passou a predominar foi a dos laranjais. Por volta de 1700 um engenho já funcionava na descida da Serra da Cachoeira, produzindo açúcar e aguardente com mão-de-obra escrava.

O engenho era situado onde hoje temos o Parque Municipal e seu proprietário era o Capitão Manoel Correa Vasques. As terras de Cachoeira passaram por vários

donos, até que foram parar nas mãos de seu herdeiro, Jerônimo Roberto de Mesquita, que viria a ser o segundo Barão de Mesquita.

Em 1884, quando a Estrada de Ferro chegou às terras, parada de trem passou a se chamar Barão de Mesquita. Nessa época as fazendas começaram a não dar mais lucros, principalmente por conta da abolição dos escravos, e a fazenda da Cachoeira foi vendida e transformada em chácaras de plantio de laranjas. No início do século XX surgiram as olarias, atraídas pela qualidade do barro e por áreas alagadas da região.

Durante muitos anos a paisagem de Mesquita foi formada por laranjais, olarias e poucas residências. Por volta de 1940 a população atingia cerca de 9.109 mil habitantes, mas a decadência na produção de laranjais provocou a venda das chácaras e começaram a surgir os primeiros loteamentos, entre o pé da Serra e a estrada de Ferro.

Pouco a pouco as olarias também deram lugar aos loteamentos e, em 1950, a população triplicou para 28.835 mil habitantes.

No final da década de 40 e início dos anos 50 começaram a se estabelecer, em Mesquita, fábricas que ajudaram a impulsionar a economia da região: BRASFERRÓ, metalúrgica de grande porte, a IBT, também metalúrgica e a PUMAR, indústria de sombrinhas. Começava o período de industrialização que iria empregar centenas de moradores mesquitenses.

### **O movimento de Emancipação do Município**

Em 1952, Mesquita passou a ser o quinto distrito do município de Nova Iguaçu, formado inicialmente pelos bairros de Presidente Juscelino, Edson Passos, Banco de Areia e Chatuba.

O primeiro movimento pela emancipação da cidade surgiu no início da década de 50. Há registros de reuniões datadas de 1957, aliás, a primeira reunião realizou-se na sede de um antigo clube de futebol mesquitense, “Sete de Setembro”, atual Rua Maria Mendes Vecchi, Centro de Mesquita.

O movimento pela emancipação de Mesquita está no topo de uma série de outros que surgiram no mesmo período, como o de Nilópolis e São João de Meriti, que se tornaram municípios em 1947. Um dos grandes fatores foi à edição da Constituição Brasileira de 1946 que garantiu, pela primeira vez, a repartição de receitas federais, incluindo os municípios.

Mas a tentativa de 1957 não foi avante. O processo que tornaria Mesquita um município desapareceu no caminho entre a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e o Palácio do Governo do Estado, que ficava em Niterói.

Somente em 1980 o movimento pela emancipação da cidade volta com iniciativas concretas (realizações de plebiscitos). O período coincide com os “tempos de abertura” que movimentavam o País, colocando novamente em ação movimentos sociais e políticos.

Mesquita passa a nortear seus rumos através de movimentos organizados, principalmente com associações de moradores. Quando a discussão ressurgue, necessariamente, ela passa pelas lideranças que compõem o movimento social e político, revelando posições pró e contra a emancipação.

Em 06 de setembro de 1987, vinte anos após o primeiro movimento, mesquita vai às urnas tentando novamente se emancipar. Mas o plebiscito não consegue um quorum exigido por lei.

Em 28 de novembro de 1993, a tentativa é feita novamente. Desta vez, a propaganda em favor de emancipação é “recheada” com a injeção de dinheiro dos políticos. Mas, novamente o quorum não é alcançado. O movimento, porém, não se dispersa e, em 26 de novembro de 1995, acontece o terceiro plebiscito. Agora, marcado por uma divulgação maior, tanto nos meios de comunicação, como no meio da população.

Segundo relatos de moradores que participaram ativamente nesse processo, o dia do plebiscito foi uma festa, apagada no final da noite quando o tribunal Regional Eleitoral, responsável pela apuração, proclamou o resultado: cerca de 44 mil eleitores votaram, porém, o quorum exigido era de 48 mil eleitores.

A partir daí, uma verdadeira batalha judicial foi travada e, após quatro anos, Mesquita foi elevada à categoria de cidade, no dia 25 de setembro de 1999.

Mesquita é o mais novo município do Estado do Rio de Janeiro. Com uma população estimada de 180 mil habitantes, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e está situado na faixa de médio a grande porte, entre outros municípios do Brasil.

Mesquita realizou seu primeiro concurso para professores em 2006, sendo a maioria destes jovens e com menos de 5 anos na profissão, com algumas exceções que optaram em permanecer no município após a emancipação. A escola em que fora desenvolvida a pesquisa situa-se no centro da cidade e os alunos vem de todos os



bairros da cidade, porém a grande maioria é do bairro de Juscelino, centro e das comunidades da Chatuba e Coréia. A rotina nas salas de aula pesquisadas é: Entrada, roda de leitura, roda de conversa, atividade de leitura, recreio, atividade de escrita e atividade diversificada (matemática, ou outra disciplina). Os alunos freqüentam o laboratório de informática e a sala de leitura de quinze em quinze dias, modificando um pouco o andamento das aulas nesses dias. Há uma grande valorização da leitura e escrita, visto que todos os dias as crianças realizam atividades para esse fim, enquanto as outras disciplinas dividem-se nos dias da semana. São ao todo 23 alunos, que às vezes trocam com alguns alunos da outra turma nos dias que as professoras promovem atividades de reforço. A maioria das crianças vive com a mãe ou avós e passam a maior parte de seu tempo assistindo televisão, dentre os programas mais citados por eles estão: Xuxa, Naruto, Pica pau, Chaves, Bem dez, Winks, Malhação e Novelas.

No que diz respeito a cultura e lazer, a cidade conta com algumas opções. Mesquita possui um grande clube: Mesquita tênis clube, uma lona cultural, um salão de leitura e uma pequena vila olímpica, aulas de balé e um coral infantil. A maioria não freqüenta o clube nem a lona, algumas meninas fazem balé ou cantam no coral. A principal forma de lazer fica assistir TV é brincar na praça do centro. Aos Sábados algumas escolas atendem a comunidade com o projeto escola aberta com aulas de dança, artesanato, capoeira, etc. Está em fase de implantação o projeto “Mais educação”, em parceria com o governo federal, assim, algumas crianças terão a opção de ficar integralmente na escola, realizando no contra turno atividades diversificadas.

A secretaria de educação desenvolve alguns projetos voltados para formação cultural e estímulo a leitura como “As tendas que contam histórias”, que são contadores de histórias que vão as escolas em tendas itinerantes e temáticas e o prêmio “Bem-te-vi”, que é um concurso para os melhores contadores e inventores de histórias. Em geral os alunos são receptivos e participativos nesses projetos.

A criança de Mesquita apesar de excluída economicamente, está em busca do consumo, assim como qualquer criança que tem acesso à televisão, enfim, querem “ter” a qualquer custo e a escola é a principal vitrine, que aponta os que têm mais ou menos condição de comprar o que a mídia vende, sendo portanto a turma estudada, bastante heterogênea, inclusive com grupos fechados, de crianças com maior poder aquisitivo, crianças mais carentes, e apesar do esforço em integrá-las, podemos dizer que a discriminação dos que menos tem acesso aos bens de consumo acontece por seus próprios colegas.

### III – CULTURA E LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DAS RODAS DE CONVERSA DE UMA SALA DE AULA MESQUITENSE.

“uma palavra é um microcosmo da consciência humana”  
Vygotsky(1991:132)

#### CULTURA, LINGUAGEM E RELAÇÃO DE PODER

Devemos considerar as diversas identidades culturais, pois hoje sofremos influência de vários povos. A velocidade com que uma informação é propagada, permite contato com os costumes, culinária e a arte de diversas culturas, abrindo um leque de possibilidades. Hoje um cidadão brasileiro pode optar em comer comida japonesa e não terá dificuldade em encontra-la, coisa que há alguns anos atrás seria mais difícil. “*O sujeito pós-moderno, conseqüentemente, não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, por estar sujeito a formações e transformações contínuas em relação às formas em que os sistemas culturais os condicionam.*”(www.scielo.br)

O acesso a novas culturas aumentou, democratizando o saber, porém, tal acesso teve suas conseqüências, como a desconstrução e modificação de algumas culturas, que vem sendo massacradas pela mídia que possui um papel de mocinha e vilã. Mocinha porque amplia nossos horizontes e permite acesso a informações com uma rapidez inimaginável e vilã porque ao mesmo tempo que fornece informação, manipula dados e joga com a vida humana. É a mídia que hoje determina a linguagem que permeará as relações de determinados grupos sociais.

As relações de poder que antes se davam pela punição, ficando em torno da figura do rei, a partir do século XVIII começam a sofrer transformações, a punição deu lugar ao incentivo, criando um novo domínio, o *sujeito individualizado*. Hoje o poder não é centralizado, não há um estado absolutista, tal poder está implícito, descentralizado, porém cada vez mais está em toda parte, sendo o acesso à informação uma das maiores formas de controle, a mídia, em especial a televisão exerce o maior papel de controle das massa nos dias de hoje.

As relações aluno professor são mediadas muitas vezes pelo medo do castigo e reprovação, além disso o professor normalmente tem acesso a meios diversos de comunicação, enquanto as crianças tem somente a TV e no máximo a Lan House, logo

este domina a relação não só pela capacidade que tem de punir, bem como pelo fato de ter mais acesso a informação exercendo um duplo controle sobre estas. *A cultura de massa apresenta-se como elemento fundamental da produção capitalística. Em última instância, o que está em questão é a “laminação” da subjetividade, laminação no sentido de achatamento de todas as diferenças.* (Miranda p.42) O próprio diálogo elucida essa dominação, quando a professora diz a um aluno que foge ao assunto falado na roda:

- Agora não, depois você fala sobre isso.

As identidades culturais constroem-se discursivamente, já que a linguagem é elemento fundamental nas transformações ocorridas em nossa sociedade. Tais transformações sociais pressionam os indivíduos a envolverem-se com novas práticas discursivas, por exemplo, em educação estamos vivendo um momento de muita pressão por mudanças, principalmente no método de ensinar, logo há um clamor para que o professor mude seu discurso, já que os “consumidores” de educação necessitam de uma nova linguagem para que aprendam.

Quando a criança experimenta o momento de criação da linguagem, ela atualiza, nessa passagem da natureza para cultura, seu potencial expressivo e criativo, e inicia um diálogo mais profundo entre o limite do conhecimento, e da verdade nas relações entre as pessoas. O mundo em que a criança vive suas relações com o outro é um claro-escuro de verdade e engano. Nesse mundo, a verdade não é dada, não está acabada, impressa de forma imutável na consciência humana: a verdade é algo que se faz constantemente nas relações sociais e por meio delas. *A linguagem é o local de produção de sentidos e o ponto para qual o jogo, criatividade e pensamento crítico convergem. Portanto o sentido plural da palavra é o caminho para o resgate da criança e do adulto como sujeitos da história.*(Ribes p.36)

A prática dialógica em sala de aula , de acordo com Bakhtin, indica a importância dos aspectos éticos, políticos e epistemológicos na constituição do atuante e capaz de partilhar, mediar o conhecimento e desenvolver práticas culturais democráticas.

*De fato, é a partir da ação dialógica que educando-educador transcendem para uma concepção da construção da identidade. Para muitos autores essa questão também deve ser analisada a partir da premissa, que o homem constrói seu conhecimento por meio de outros fatos que permeiam sua vida e que o ensinar a aprender estes fatos é uma tarefa inter-relacional que pertence não só ao educador, mas também ao educando com suas experiências e problematizações,*

*pois se entende que a construção do conhecimento científico não é só, mas, também um agente para tal construção.(www.scielo.com)*

Freire(2000:92) quando registra que: o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens os transformam, o diálogo impõem-se como o caminho pela qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar idéias em outros. Não pode também converter-se num simples intercâmbio de idéias. Não é também uma discussão hostil, polêmica entre os homens na imposição de suas vontades.

Portanto, para se estabelecer diálogo entre os interlocutores é necessário perceber que não existem verdades absolutas, é preciso uma atitude voltada para a busca do novo, para a escuta, para o transladar-se, para o ponto de vista do outro, transitando pela opinião e redimensionando posições.

Quanto mais próxima nossa linguagem estiver dos alunos, mais fácil se dará a relação de ensino aprendizagem e essa escuta. Nosso papel enquanto educadores é trazer para sala de aula o que a mídia “empurra” para nossas vidas, seja para elogiar ou criticar. O professor não pode se colocar num limbo e discursar com ares intelectuais que não vê televisão, que é contra orkut, msn, vídeo game. Nossos alunos estão expostos a todas essas tecnologias independente de nossa vontade! É muito descaso e arrogância desconhecer, criticar e não conseguir extrair nada de bom, que possa ser utilizado em sala de aula, afinal o papel do educador é levar alternativas àquilo que considera impróprio para os alunos. A relação aluno - professor não pode se dar como uma idéia equivocada de marxismo, na qual o professor representaria o intelectual dito “de esquerda” ,*que de acordo com Foucault tomando a palavra e vendo reconhecido seu direito de falar enquanto dono da verdade e de justiça.*

A linguagem e a consciência ideológica são partes que constituirão a ação dialógica entre educandos e educadores. *É a experiência de construção de si mesmo com o outro que implica no estabelecimento de um diálogo em que a última instância faz com que o eu se veja na imagem que constrói do outro.* (www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/a--acao-dialogica-do-docente-contemporaneo-na-construcao-da-identidade-do-educando)

Numa roda de conversa de uma turma de primeiro ano podemos perceber vários elementos culturais marcantes na infância.

.....

**Pedro-** Tia, o Yuri está dando tapa na minha cabeça.

**Prof-** Yuri para com isso.

**Yuri-** É só brincadeira.

**Prof-** Mas o Pedro não está gostando então para com a brincadeira.

**Guilherme T.-** O meu primo me bate muito, Tia. Ele nem deixa eu jogar o play station com ele.

**Prof-** E que jogo você mais gosta?

**Guilherme T.-** GTA.

**Prof-** Esse jogo não é para criança.

**Yuri-** Ih, mas eu jogo.

**Turma-** Eu também, eu também...

**Prof-** Eu não gosto de GTA, vocês sabiam que ele é um bandido?

**Alunos-** Sim.

**Prof-** Então vocês acham bonito o que ele faz? Por acaso alguém quer imitar ele? Tudo que ele faz é horrível. Ele rouba, bate nas pessoas, desrespeita as leis.

**Luan-** Mas, tia, eu só jogo. Não quer dizer que eu sou igual a ele. A gente *não fazemos* o que ele faz, só joga o jogo.

**Prof-** Mesmo assim tem muito jogo legal para criança. Tem Madagascar, Os carros, tem o tapete que dança.

**Gabriela-** Eu tenho o tapete que dança e é da Xuxa.

**Matheus-** Xuxa é de menina.

**Prof-** Porque?

**Matheus-** Não sei.

**Tatiane-** Eu tenho Xuxa só para baixinhos oito. Tia, tem aquela música da boneca de lata e tem a da caveira.

**Prof-** É mesmo. Igual da Bia Bedran.

**Tatiane-** É, é igual só que é um pouco diferente.

**Elizabeth-** Eu tenho Xuxa.

**Wallace-** A Elizabeth é engraçada, ela fala engraçado. Ela ta dizendo que tem a Xuxa. Só se a Xuxa morasse na casa dela.

**Guilherme K.-** Tia, a minha irmãzinha não pode ouvir o barulho da música da Xuxa e ela começa a dançar. A minha irmãzinha é muito gordinha eu nem agüento mais ela. Ela me morde.

**Yuri-** Aí você morde ela.

.....

Sabendo-se que nenhuma produção humana acontece de maneira isolada, mas sim *deriva de uma base comum a todos os homens, que é sua realidade social* (Ribes), sendo a sala de aula um espaço de criação, deve-se levar em conta que as produções dos alunos sofrem influência do meio a que estão expostos. Quando o aluno Luan afirma que “...A gente *não fazemos* o que ele faz, só joga o jogo”, está certíssimo. É óbvio que a maioria das crianças que joga GTA não será um bandido como no jogo, mas a questão

é: já que nada se cria, tudo se copia, como afirma Ribes, que influência o jogo, o programa de tv, a música exercerão nas salas de aula? Nada mais são do que exemplos, muitas vezes presentes nos jogos simbólicos da infância, e que podem sim, vir a influenciar na vida adulta.

O papel da mídia e a influência na vida das crianças se faz presente, principalmente na figura da Xuxa. A apresentadora vende idéias e sonhos aos pequeninos: cds, brinquedos, comida e o pior, um padrão de beleza bem diferente da realidade brasileira, afinal, conta-se nos dedos quantos alunos branquinhos de olhos azuis temos em uma escola pública. A identidade cultural do meu aluno não está presente na Xuxa, mas ele quer se ver na Xuxa.

Esse fato gera preconceito, contra a sua própria identidade. É muito comum, meninas negras desenhando-se louras, desenhando a família inteira branca e de cabelos lisos. Estamos de fato tornando-nos cada vez mais americanizados, e nossa principal descendência: a africana ,está sendo esquecida, lembrada apenas na semana da consciência negra, quando contamos a história da “Menina bonita do laço de fita” e achamos que está tudo certo e cumprimos nosso papel. A capacidade de criação está ligada a experiência, logo, se meu aluno só acumula experiência em assistir Xuxa e programas que impõe certos padrões de beleza, sua capacidade de criação torna-se limitada.

Através das falas, também identificamos claramente as posições sociais dos indivíduos ao analisar esse “discurso”. De um lado alunos e do outro professor. Não que o professor esteja num patamar superior. Ele é tão influenciado pela mídia quanto as crianças, porém, naquele momento é a pessoa que tem a clareza diante de alguns fatos, é aquele que “em parte” enxerga com a razão e tem a possibilidade de exercer alguma influência, interferindo na ideologia de seus alunos. Tal fato é claro se dá devido a uma relação de poder exercida entre educandos e educadores, mas a afetividade também conta. Afinal, se o aluno adora Xuxa, mas a professora que ele ama diz que a Xuxa não é boa, esse aluno sofrerá alguma influência. Poderá até num primeiro momento não resistir ao massacre promovido pela mídia em sua vida, mas uma semente será plantada.

No diálogo percebemos que a maioria dos alunos tem acesso a um jogo violento de video game, inclusive tal jogo é proibido para menores. A professora não precisa ser profunda conhecedora de games , mas procurar se interar no assunto para que possa oferecer alternativas para o que não concorda. Não basta criticar o jogo, devemos pensar: quais jogos bons para crianças existem no mercado? O que podemos oferecer-

lhes? Se sabemos que eles jogam algo impróprio eu temos obrigação de saber do que se trata. Seria descaso deixar para lá. Não podemos ser meros espectadores diante dos processos dessas novas aprendizagens que a mídia traz, afinal temos outras experiências, conhecimentos e valores, talvez não para ensinar, já que certas questões morais ultrapassam os muros da escola, e sim para compartilhar e mostrar ao aluno que apesar da sua realidade existem alternativas.

As crianças de Mesquita, apesar de pertencerem a uma camada popular possuem a marca do consumo, estando expostas a fugacidade da moda. Desenhos animados, brinquedos, seriados, são objetos de desejo, rendidos ao mercado. O que deveria estar a serviço da cultura, na verdade está a serviço do capital. A Xuxa, que é tão querida, ao invés de ensinar algo que enriqueça o conhecimento dos seus fãs, está intimamente ligada ao consumo de roupas, calçados, bonecas, alimentos, material escolar, dentre outros artigos mais inimagináveis. E não só a Xuxa, mas qualquer programa que caia no gosto das crianças certamente vai dar seu nome a uma infinita lista de produtos. A televisão então é a mola mestra que impulsiona este mercado.

A escola obviamente não tem compromisso com esse mercado de consumo, mas este não passa despercebido, já que os alunos ostentam seus jogos, brinquedos, CD's, muitas vezes piratas ou de segunda linha, mas sem fugir de um padrão.

Uma fala muito interessante que demonstra a necessidade do “ter” a qualquer custo aconteceu numa conversa em que falávamos de pirataria de CD, pois a maioria dos DVD's que assistimos na escola trazidos pelos alunos são piratas.

**Luan** \_ Tia, esse DVD é pirata?

**Professora:** - É.

**Luan:**- E pode?

**Professora:**- Pode não. Mas alguém aqui tem DVD original?

**Fabio** – Não sei porque não pode.

**Professora** – Porque o artista que trabalhou e toda a equipe não recebem o dinheiro se a gente só comprar pirata.

**Tatiane:** - Mas eles já são ricos. A Xuxa eu sei que é rica.

**Professora:** - E daí, por ela ser rica a gente pode enganar ela. E as pessoas que trabalham para ela e não são ricas?

**Guilherme:** - Na minha casa só tem CD do camelô.

.....

Não tive coragem de continuar a conversa, pois eu mesma acabo estimulando a pirataria. A questão dos filmes e músicas piratas são somente a ponta do iceberg para outros artigos, como: tênis falsificados, brinquedos de segunda linha, roupas com

etiquetas de grifes famosas falsificadas, enfim, o fato de não ter o objeto é muito mais vergonhoso do que o fato de ter um objeto falsificado.

### A VIVÊNCIA DE NOVAS EXPERIÊNCIAS:

Outra fala interessante na qual podemos perceber a importância da ação dialógica em sala de aula como uma oportunidade para que a criança experimente, ou pelo menos tenha vontade de ter novas experiências culturais pode ser percebida no diálogo abaixo, que tivemos logo após escutarmos a música “Águas de Março”. Antes de levar a música, havia contado uma história para a turma, chamada “Abrindo caminho” de Ana Maria Machado. Já lemos vários livros dela em nossas rodas de leitura, por isso as crianças são sempre receptivas às histórias quando anuncio que é dessa autora. No início do livro ela explica que é uma homenagem a Antônio Carlos Jobim. Expliquei-lhes que era um compositor, cantor, enfim, num determinado momento um aluno perguntou por que eu não havia trazido nenhuma música dele. Respondi que se eles quisessem eu traria e sem mesmo saber que tipo de música seria ficaram animados com a novidade.

No dia seguinte lá estávamos na roda de conversa prontos para ouvir a música e quando ela começou uma aluna logo falou:

-“Tia, é música de igreja?” Respondi que não e a música continuou.

**Prof-** E aí gostaram da música?

**Alunos (a maioria)**– Sim!

**Pedro, Yuri, Jhonata, Fabio** – Não.

**Prof-** Por que não gostaram?

**Pedro-** Brincadeira , gostei sim.

**Prof-** Pode falar a verdade, Pedro, você não é obrigado a gostar de tudo o que eu gosto, eu não vou ficar chateada. Mas alguém não gostou?

Alguns se encorajaram e levantaram a mão.

**Pedro-** É muito parada. Eu gosto de música agitada.

**Tatiane-** Eu não , eu gosto dessa música.

**Luis Gustavo-** É, dá para ouvir o barulho do mar.

**Prof-** Dá, é? Eu não ouvi barulho do mar não.

**Gabriela-** Essa música dá na novela, aquela que a gente não vê que dá de tarde.

**Tatiane-** É Páginas da vida.

**Guilherme K-** Não é não, essa música é um pouco diferente.

**Prof-** Já sei qual é a música da novela , tem aqui no CD. Ouve se é essa.

Coloquei um pouco da música da novela.

**Alunos** – É essa! É essa!

Inaudível

**Prof-** O que essas músicas tem de parecido?



**Nhathany-** É a mesma mulher que canta.

**Prof-** E qual instrumento que a gente ouve na música?

**Crianças-** Piano, violão.

**Pedro-** Eu vou tocar violão quando eu crescer. Mas agora eu gosto de funk.

**Prof-** Só funk? Você não houve mais nada?

**Pedro-** Não.

**Luis Gustavo-** Hum, Funk é só Tum Tum Tum...

**Risos**

**Gabriela-** Tem Funk que é de palavrão, minha mãe não gosta, mas lá na rua toca muito alto.

.....

Pedro só ouve funk, mas quer aprender violão. Está imerso numa sociedade onde o funk é a opção que tem no momento, e tem dificuldade em aceitar o novo. A parceria no ambiente escolar é favorável para a ampliação do repertório musical. Proporcionar aos alunos experiências com os demais colegas, e quem sabe possam também compartilhar com a família. Algumas vezes cantar com alguém não denota simplesmente aprender alguma música nova, mas o prazer de cantar com amigos, justamente porque estes podem colaborar com um momento musical, não só pelo aprendizado em si, mas, também, por uma situação de interação proporcionada pela música. Para as crianças não existe um local específico para aprender. No mundo escolar, as interações se estabelecem entre a criança, a música e outras crianças. Como afirma (Morduchowicz, 2001), mais do que “transformar o capital ou os consumos culturais dos alunos”, a escola deveria “explorar a relação que os meninos estabelecem com o mundo (escolar e não escolar) e ensinar a desnaturalizar as representações que o constroem, cuja compreensão afetará certamente a percepção que têm do universo, sua observação sobre a realidade e sua atitude ante o conhecimento”(Morduchowicz, 2001, p.94-95).

Nossa tarefa enquanto educadores é diariamente chamar atenção para a questão da identidade cultural de nossos alunos, promovendo uma real valorização, que não se limite a cantar músicas ou contar histórias, mas que aliado a tais atividades venha uma busca pela trajetória do povo brasileiro, sua descendência, seus costumes perdidos e que finalmente consigamos dar um basta ao que nos obrigam a chamar de belo para que um dia olhemos o negro e o nordestino (que quase não é citado, pois não está na moda) como parte de nosso povo e que valorizemos sua beleza e seus costumes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos interferir no sistema de produção televisiva, nem nas rádios populares, ou controlar os “funks proibidos”, mas podemos construir com as crianças através do diálogo um olhar crítico perante ao que nos é empurrado pelas mídias do século XXI.

Sabemos que o trabalho científico não tem obrigatoriedade de gerar resultados e ser incorporado à políticas, garantindo assim a fertilidade do conhecimento, mas a ampla divulgação de trabalhos que apontam para questões séria como consumismo e manipulação das massas deve ser incentivada, por isso, após o término da pesquisa mostramos as gravações para as crianças e explicamos o que seria feito com o que haviam dito, gerando inclusive um movimento de “censura” dos próprios alunos, que não queriam que fossem divulgadas as partes em que estão fazendo bagunça e que eu chamo atenção da turma, mostraram-se preocupados com o fato de gostarem de funk e uma das últimas falas foi do aluno Pedro, que disse:

\_ Tia, não tem problema você dizer para eles que a gente ouve muito funk? E se ouvirem a nossa bagunça vem alguém aqui falar com a gente?

O diálogo tem perdido a batalha numa cultura onde quem pode consumir mais e acompanhar a rapidez das mudanças é quem manda. Cabe ao professor a tarefa de valorização do diálogo, consciente que seu papel é garantir a troca de experiência e momentos de reflexão.

A escola deve ser uma intermediadora de culturas: a cultura familiar, a cultura produzida pelos meios de comunicação, dentre esses a TV. É importante saber que as crianças se apropriam do que vêm na televisão a partir de inúmeras mediações, dentre elas a do professor irá criar novos conceitos.

## REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN**, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo – SP. Hucitec, 1986.
- CANAU**, V. M. (org). Sociedade, educação e culturas: Questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002
- CANEN, A. E MOREIRA, A. F. B.** (orgs) Ênfase e omissões no currículo. Campinas: Papirus, 2001.
- DISCURSOS DE IDENTIDADE:** discurso como espaço de construção e gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família / Luiz Paulo da Motta Lopes (org)- Campinas – SP. Mercado das Letras , 2003
- ESTEBAN**, Maria Tereza . A pesquisa como eixo de formação docente
- FAIRCLOUGH**, Norman. Discurso e mudança social. UNB
- FOUCAULT**, Michael. Microfísica do poder. Ed. Graal 1979
- GEERTZ**, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro . LTC; 1989
- INDAGAÇÕES SOBRE CURRÍCULO:** currículo, conhecimento e cultura / [ Antônio Flávio Barbosa Moreira, Vera Maria Candau] orgs- Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2008.
- KRAMER**, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. Caderno de pesquisa quadrimestral nº 116 Fundação Carlos Chagas. São Paulo : Autores Associados 2002
- KRAMER**, Sônia. O que é básico na escola básica? Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura. Infância e produção cultural Sônia Kramer e Maria Isabel Leite (orgs) Campinas , SP, Papirus 1998
- LARAIA**, Roque de Barros, cultura, um conceito antropológico, Jorge Zahar. Rio de Janeiro 1932
- medios para alumnos de sectores populares. Buenos Aires: Paidós.
- PERROTI**, Edmir [e outros] Org. Regina Zilberman, A criança e a produção cultural. Porto Alegre, Mercado aberto 1990
- RIBES**, Rita. O que se cria . O que se copia.
- SACRISTÁN**, J. Gimeno. Educar e conviver na cultura global: As exigências da cidadania. Porto Alegre. Artmed 2002

**SILVA**, Maria Fátima de Souza – *Das Terras de Mutambó ao Município de Mesquita* – Ed. Entorno.

[www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/a--acao-dialogica-do-docente-contemporaneo-na-construcao-da-identidade-do-educando](http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/a--acao-dialogica-do-docente-contemporaneo-na-construcao-da-identidade-do-educando) ( acessado em 18/01/2009)

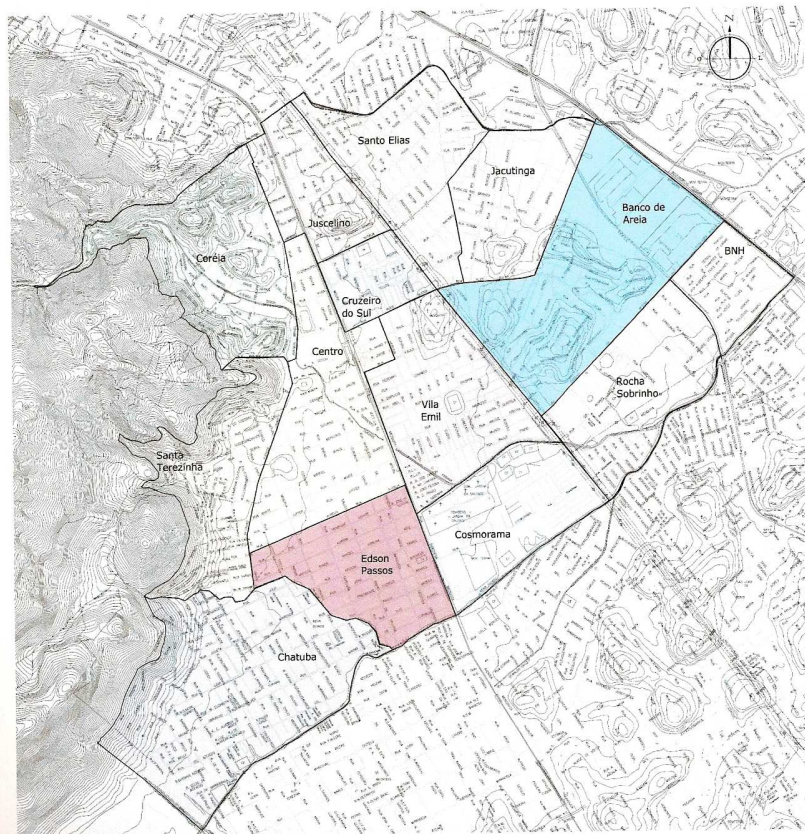
[www.Mesquita.rj.gov.br](http://www.Mesquita.rj.gov.br) (acessado em 12/02/2009)

[www.scielo.br](http://www.scielo.br) (acessado em 12/02/2009)

## ANEXO

### MAPA DE ABAIRRAMENTO

ABRIL 2007



ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PREFEITURA MUNICIPAL DE MESQUITA

ESC.: 1/10000

MAPA DE ABAIRRAMENTOS DO MUNICÍPIO DE MESQUITA (2007)

Fonte: Site [www.mesquita.rj.gov.br](http://www.mesquita.rj.gov.br)